


Varia

Língua e cosmogonia em Bakairi: práticas de pesquisa voltadas ao conhecimento das línguas originárias

Tania Conceição Clemente de Souza¹ 

Valdo Kutaiava Xagope² 

Resumo:

O trabalho toma como objeto a língua Bakairi (Caribe), modalidade falada na Terra Indígena Bakairi, localizada no município de Paranatinga, Mato Grosso, Brasil Central. Os dados foram coletados, sobretudo, em duas aldeias – a Aldeia Pakuenra e a Aldeia Paikun, ambas localizadas na Terra Indígena Bakairi. O objetivo principal a ser alcançado visa a organização do léxico na língua Bakairi, descrita e analisada sob uma perspectiva interdisciplinar, colocando em jogo a relação entre língua e cosmogonia, quando se trabalha pelo viés da escola francesa de Análise de Discurso e, paralelamente, trabalha-se a análise formal dos dados nos moldes da Morfologia Derivacional. Como objetivos secundários, procuramos focalizar dois mecanismos principais: (i) a discussão da formação de palavras motivadas pela cosmogonia do grupo através da presença de formativos (morfemas) fechados e não produtivos, ficando estes restritos à criação de palavras num tempo mítico e (ii) a análise de outros morfemas da língua, dando lugar a palavras abertas. Dentre o conjunto de palavras fechadas, as que fundam a identidade dos Kurâ e que nos remetem à organização social do povo em seu todo e aos valores de ordem moral e social, escolhemos duas para ser o foco de nossa discussão: udodo e pekobaym. O enfoque aqui apresentado contribui ao conhecimento e descrição do sistema da língua tanto para falantes nativos, quanto a pesquisadores que se voltem para a dimensão étnica inscrita na materialidade discursiva da língua.

Palavras-chave: Língua Bakairi (Caribe); organização do léxico; relação língua e cosmogonia. análise de discurso; morfologia derivacional.

Bethânia Mariani
Editora-chefe dos
Estudos de Linguagem

Recebido em: 14/04/2024
Aceito em: 22/04/2024

¹Museu Nacional, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: taniaclemente@mn.ufrj.br

²Secretaria de Educação do Mato Grosso. Cuiabá, MT, Brasil.
E-mail: valdokx@hotmail.com

Como citar:

SOUZA, Tania Conceição Clemente de; XAGOPE, Valdo Kutaiava. Língua e cosmogonia em Bakairi: práticas de pesquisa voltadas ao conhecimento das línguas originárias. *Gragoatá*, Niterói, v. 29, n. 64, e62604, maio-ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v29i64.62604.pt>

Xíxi, o deus-Sol quando fez
os Kurâ, deu arco para
o índio e arma de fogo
para o karaiva.
Egufo, 1985

Introdução

O objetivo principal de nosso trabalho¹ é discutir a organização do léxico em bakairi² – língua da família Caribe – tanto do ponto de vista gramatical, quanto do ponto de vista da cosmovisão dos Kurâ Bakairi.

A partir desse objetivo, buscamos: (i) investir na discussão da formação de palavras motivadas pela cosmogonia do grupo através da presença de formativos (morfemas) fechados e não produtivos, ficando estes restritos à criação de palavras num tempo mítico e (ii) analisar outros morfemas da língua, dando lugar a palavras abertas. Dentre o conjunto de palavras fechadas, as que fundam a identidade dos Kurâ e nos remetem à organização social do povo em seu todo e aos valores de ordem moral e social, escolhemos duas para ser o foco de nossa discussão: *udodo* e *pekobaym*.

Rodolfo Ilari (2014) organizou dois livros sobre a sintaxe das palavras do português culto falado no Brasil, cujos títulos, de imediato, recortam duas classes: palavras abertas e fechadas. As palavras abertas – substantivo, verbo, adjetivo, advérbio – são as que ganham sempre novos itens; enquanto as palavras fechadas – pronome, especificador, preposição, conjunção – são as que “a qualquer momento da história da língua custam a aparecer, porque a admissão de novos itens é mais lenta, exigindo às vezes um trabalho de séculos” (Ilari, 2014, p. 10).

Considerando que, em bakairi, há um tipo de formativo – o sufixo *-do* – que se prende a uma lista fechada de itens, vamos começar nossa análise pelo que podemos chamar de palavras fechadas já que essas vão surgir num tempo mítico, como discute Souza (2022a, entre outros). Válido lembrar que Souza não dissocia a análise do funcionamento linguístico do universo cosmológico Bakairi, sobretudo com relação aos mitos tomados como narrativas virtuais, daí o seu efeito de verdade.

Sobre o povo e a língua bakairi

Em dois momentos, 1884 e 1887, Von den Steinen atravessa o Brasil Central em busca de reconhecimento dos povos desta região, quando faz diversas observações sobre línguas, costumes, corpos, casas, relações de parentesco, aritmética, etc. Um objetivo maior, entretanto, era alcançar os Bakairi e empreender retiradas, a fim de agregá-los na região de Paranatinga, onde já vivia um grupo pequeno de Baikiri. Os Bakari arredios eram chamados de “brabos”:

Os ‘brabos’ são os Bakairi do Oeste, achados pela primeira vez por nossas Expedições ao Xingu em 1884 e 1887. [...] Estes ‘índios brabos’

¹ Este trabalho é parte da Tese de Doutorado defendida por Valdo Kutaiava Xagope (2023), sob a orientação da professora Dra. Tania Conceição Clemente de Souza parte dos seminários internos – SEPLA – no Programa de pós-graduação em Linguística – UFRJ (Xagope, 2020; 2021; 2022 e 2023).

² Escrevemos o nome do povo Bakairi com letra maiúscula, e o nome da língua com letra minúscula.

eram hospitaleiros, pessoas bondosas, sua confiança era facilmente conquistada, já que eles nunca haviam visto um branco. Eles se distinguem como pescadores e conduzem magistralmente sua frágil canoa de casca através de corredeiras. Eles cultivam comunitariamente roças de mandioca e de outras sementes nativas, mas ficam atrás de seus contíguos descendentes ao usarem, por exemplo, potes de barro e machados de pedra, que são traços da cultura ancestral. (Von den Steinen, 1942; p. III. *apud* Souza, 2022b).

Nos dias atuais, a população Bakairi é composta de 1.042 indivíduos, segundo dados da Funai (2013) e está distribuída em duas terras indígenas, Terra Indígena Pakuenra e a Terra Indígena Santana, localizadas respectivamente nos municípios de Paranatinga e Nobre, no estado de Mato Grosso, Centro-Oeste do Brasil. Nessa localização, temos também duas variedades diferentes da língua bakairi. Nosso estudo abrange o bakairi falado na Terra Indígena Pakuenra.

Os dados presentes neste trabalho foram coletados, na forma de entrevista, na Aldeia Paikun com apoio de Odil Apakano e Queridinha Apakano, no período de 2018 a 2023 e registrados num gravador digital da marca Sony. Muitos dados têm, também, como fonte um dos autores deste trabalho, Kutaiava Xagope, falante nativo, nascido e criado na Aldeia Pakuenra, onde tem residência. Ambas as aldeias – Paikun e Pakuenra – fazem parte da Terra Indígena Bakairi, situada no Município de Paranatinga. São utilizados, ainda, dados da pesquisadora e autora aqui presente, Tania Clemente, com destaque para o registro fílmico, em ambas as aldeias aqui citadas, ocorrido em junho de 2022 (Cf: Kurâ Xunâri – Memória Bakairi, disponível em youtube/labedis) e a gravação da lenda das mulheres Pekobaym, tomada em gravador digital com Queridinha Apano, em abril de 2023, na Aldeia Paikun.

Organização lexical e cosmogonia

A Onomástica tem em sua base dois componentes principais: a toponímia e a antroponímia, que se resumem em descrever a singularidade do nome de lugares, animais, plantas e de identificar os indivíduos de uma sociedade. Diferente da proposta da Onomástica, que atribui aos sistemas de topônimos e antropônimos uma base cultural, vamos, numa perspectiva discursiva, pensar na definição de conjuntos de palavras em Bakairi como fundadores da identidade de um grupo quando, por exemplo, se toma como ponto de partida a enunciação de crenças, valores, mitos como elementos que estão na origem da constituição de uma identidade étnica. (cf: Souza, 2022a)

São muitos os exemplos que servem para sustentar as afirmações acima, como por exemplo, o funcionamento do formativo **-do**, que constitui uma determinada série de substantivos, todos derivados da palavra *udodo* ‘onça’, que metaforicamente representa o índio ancestral. Esta série, marcada com este formativo, tem sua origem em mitos fundadores da identidade dos Kurâ Bakairi. Não se trata de

antropomorfização (projeção das qualidades humanas em outros seres), mas de uma condição homorgânica que permitia jaguares e indígenas dos tempos primordiais estabelecerem relações de parentesco (Bonfim, 2021). Este compartilhamento parece se expressar através do formativo **-do**.

De início, gostaríamos de dizer que nossa análise se inicia pensando a formação de determinados grupos de palavras em bakairi, ao lado da organização do mundo por um viés político-cosmogônico. Tal viés vem a constituir a materialidade discursiva³ da língua, que pela proposta da Análise de Discurso, entende-se a inscrição da história no tecido da língua. Assim, uma proposta de análise da língua por esse viés joga, além da descrição e distribuição dos elementos formativos da língua, com a compreensão da discursividade, explorando-se a dimensão textual-discursiva. Nossa análise começa, então, pela descrição do léxico, num recorte que engloba signos motivados, com foco nas palavras derivadas de udodo 'onça' e na formação gramatical de pekobaym, sem tradução direta com o português. Pekobaym são mulheres míticas, diferentes das pekodo 'mulher'. As pekobaym formam um grupo de mulheres que resolvem deixar a comunidade para viverem isoladas e praticarem as mesmas ações dos homens, como caçar, coletar frutas, usar arco e flecha, etc.

O formativo -do

Há certas expressões e formativos na língua sobrepostos por um caráter ontológico. Analisaremos, aqui, alguns desses elementos, sempre relacionados ao universo mítico.

Von den Stenein (1892)⁴ e Souza (1985) registraram o antigo mito Bakairi - udodo pajikâ 'a onça e o tamanduá' - **no qual a onça é o índio e o tamanduá, o não-índio**. O mito abarca o confronto de dois mundos - o mundo Bakairi e o mundo Karaiwa - e apresenta a onça como um ser que está na origem dos Bakairi: é nítida a semelhança entre udodo, a onça materializando o índio mítico, e udo, palavra que designa índio nos dias atuais. E a denominação do não-índio pajikâ 'tamanduá' não poderia fazer parte da ancestralidade Bakairi, embora faça parte da mitologia do grupo. Antes de fazermos um resumo do mito 'A onça e o tamanduá', vamos trazer um trecho de um outro mito⁵, quando se tem a criação das mulheres em tempos míticos.

Kwamoty, definido como Deus pelos Bakairi, tem um encontro no meio da mata com uma onça chamada Kiumani⁶, que ameaça matá-lo. Para se livrar da ameaça, promete-lhe entregar as moças que estão em sua posse. Entretanto, as mulheres ainda não existiam e Kwamoty resolve, então, criá-las a partir de troncos do jatobá e da sucupira. E pagar a promessa feita à onça Kiumani. Assim que consegue, depois de três tentativas, dar vida e força às mulheres esculpidas em madeira, organiza uma festa convidando os indivíduos de todas as aldeias. As lontras ouvem dizer que a onça Kiumani ganharia as moças, então se

³Por materialidade discursiva entende-se: "nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as "mentalidades" de uma época", mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada" (Pêcheux, 2011, p. 151-152).

⁴Die Bakairi Sprache é publicada em 1892, mas os dados do pesquisador alemão foram coletados em duas expedições no Brasil Central em 1884 e 1887.

⁵Registro fílmico disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1VBAlAZzRqw&t=469s>.

⁶As pessoas mais idosas falam Ikiumani, mas aceitam o uso Kiumani pelos mais jovens.

enfeitam, produzem suas flautas na esperança de, ao se exibirem para as moças, poder conquistá-las. Mas quando as onças chegam, Kwamoty as entrega a Kiumani, que vai embora com elas.

Como esse mito resume, a um só tempo, a criação das mulheres e o consequente envolvimento dessas com a onça, parece ficar subentendido que, a partir de então, outros seres serão criados na relação das mulheres com a onça⁷.

Vejamos a seguir um relato breve do mito 'A onça e o tamanduá'.

Udodo e pajikâ: um mito sobre o confronto

Udodo pajikâ - 'a onça e o tamanduá' nos remete aos primeiros momentos de confronto entre os Bakairi e os não indígenas, e estes dois personagens representam o índio, no caso udodo 'a onça' e o não-índio, pajikâ 'o tamanduá'. A onça é um elemento ancestral na cosmogonia bakairi (fato já apontado em Von den Steinen e em Schmidt, entre outros) e dela se originam os primeiros Bakairi; enquanto o tamanduá-bandeira personificando o não-índio é definido como 'aquele que abraça por trás', ou seja, traidor.

A referência a este mito em particular se deve ao fato de ser o índio referendado por udodo 'a onça'. O elemento gramatical que ocupa nossa reflexão inicial é o formativo **-do**, que entra na composição de udo-do 'onça'. A palavra 'udo' significa homem, ser humano, por extensão, significa também índio, palavra silente na língua, forjada pelo colonizador.

Há, em Bakairi, um tipo de formativo de nomes, que se prende a uma lista fechada de palavras, não podendo esta ser utilizada em processo aberto de derivação lexical. É o caso, por exemplo, do formativo **-do**, descrito a seguir.

Observem nas colunas abaixo dois grupos de exemplos⁸, que correspondem a seres humanos e animais:

udo 'ser humano' (índio) uodo 'meu corpo' wetodo 'órfão' anguido 'animal' (ser original), iamundo 'criança' pekódo 'mulher' ugondo 'homem' karrado 'sombra, imagem', kado 'entidade a quem se oferecem festas e rituais' egado 'alguém dono de ritual' sodo 'dono' kado-pa [-pa 'negação'] 'espírito, fantasma' udodo 'onça' kurodo 'urubu rei'	xogo 'pai' seko 'mãe' iupy 'tia' kugu 'tio' nigo 'avô' tako 'avô' iweampy 'prima' iseamby 'primo' pamâ 'cunhado' maemo 'cunhada' maen 'anta' kozekâ 'veado' pajikâ 'tamanduá' kawida 'arara'
--	---

⁷Em junho de 2022, Souza junto com pesquisadores envolvidos em seu projeto de preservação e salvaguarda de patrimônio imaterial (FAPERJ), filmou a encenação dessa narrativa, chamada pelo pajé Odil Apakano de Teatro das Flautas. O DVD com esta encenação e outras apresentações de danças rituais está disponível no canal Youtube/labedis.

⁸Os dados estão transcritos na ortografia bakairi. As palavras em bakairi são paroxítonas, exceto quando terminam em ditongo, e passam a oxítonas.

Os exemplos à esquerda diferem dos exemplos à direita, porque estes não têm em sua formação o formativo **-do**. A série, marcada com este formativo, tem sua origem na cosmogonia Bakairi e são todos personagens ancestrais na criação do mundo e dos Kurâ Bakairi, sendo udodo 'onça', o ser de onde descende o índio. Udo 'índigena' é parte de udodo 'onça', o que parece ser expresso pela queda de uma das sílabas da palavra. Interessante também é a formação da palavra **we-todo** 'órfão', quando no seu interior se recupera o radical de 'onça' **u-dodo** = '1ª.pessoa-onça'. Os verbos intransitivos apresentam **u-** como marca de primeira pessoa, diante de raízes que começam com consoante e são também marca de posse, alienação.

A série que não vem marcada com **-do** não está relacionada à ancestralidade que udodo 'onça' representa, embora vários dos elementos aí presentes também façam parte da mitologia Bakairi.

É interessante notar que as onças são ancestrais dos Bakairi segundo as narrativas mitológicas que não podem ser tomadas como ficções, mas como eventos discursivos que conformam a realidade virtual da coletividade. Este compartilhamento de parentesco parece se expressar através do formativo **-do**.

Em termos teóricos, vale recuperar aqui a proposta de Basílio (2004), no caso, a de se lidar com léxico virtual e léxico real. A autora chama a atenção para o fato de que o potencial de formação de palavras não é igual à **formação concreta** (grifo nosso) de novos itens, dada a necessidade de se atender ao princípio de economia, que sustenta a eficácia da comunicação. A partir de então, pode-se chegar à conclusão de que o léxico mental é, em grande parte, virtual.

De fato, o léxico provê estruturas, por exemplo, para aproveitar qualquer palavra de uma classe para a formação de uma palavra equivalente em outra classe. Assim todas as palavras de uma classe existiriam virtualmente nas outras classes. **Mas só virtualmente, não na realidade. Na realidade, algumas existem, outras não.** (grifo nosso. BASÍLIO, 2004, p. 11)

Se estendermos as colocações de Basílio aos exemplos do Bakairi que vamos explorar, podemos trazer à discussão dois fatos. Primeiro, estender as colocações acima a **determinados processos** de formação de palavra, e não apenas à estruturação do léxico em seu todo. Teríamos, também, processos virtuais de formação de palavra, no caso, os motivados e não produtivos. E, segundo, é que no caso dos signos motivados – como estes que estamos tratando – a distinção entre léxico virtual e léxico real (ambos contidos no léxico mental, como propõe Basílio (2004)), explicaria a não produtividade do formativo **-do**. Por essas colocações, usamos a expressão 'formativo' e não usamos a expressão 'morfema', dada a sua ocorrência em uma lista fechada.

Udodo e Kurâ: a onça e os humanos

A partir de udodo 'onça' derivam, além de udo 'ser humano', ugondo 'homem'; pekodo 'mulher'; iamundo 'criança'; ugondo imembyre 'menino' e pekodo imembyre', e outros. Segundo Souza (2021; 2022a), a derivação com este formativo remete à origem, à fundação do mundo na perspectiva dos Bakairi. Momento em que o mundo primeiro – *o mundo das trevas* – é invadido por Xíxi – o deus-Sol. Quando da permanência das trevas todos os seres eram anguydo.

Com a luz, o mundo se modifica. No tempo das trevas, não havia diferença entre os seres, todos chamados de **anguydo**, hoje esta denominação é estendida aos seres não humanos, aos animais. A diferença entre os seres ancestrais e os seres criados sob a luz dá lugar aos kurâ 'ser humano' por oposição a anguydo. E dá lugar também à palavra anguy 'quem; alguém'. Mais uma vez ocorre aí a queda do formativo **-do** [anguydo > anguy]. Esse movimento de perda do formativo **-do** analisamos discursivamente como um movimento de descendência da criação dos Kurâ Bakairi. Nesse sentido, nossa análise não caminha na direção de se considerar **-do** como um classificador, com a função de formar outros seres, quando o formativo seria somado à palavra *udo*, para dar lugar a *udodo*, como algumas análises propõem.

Lembremos que pela definição de classificador na Linguística, este se define como podendo ser sintático-lexical e favorece um alcance maior para a categorização linguística dos nomes. E contribui também à distribuição dos nomes pelos reinos humano, animal, vegetal. Dentro desses reinos, tem-se ainda a possibilidade, como em algumas línguas, de se classificarem animais que voam, que rastejam etc. Assim, a função de um classificador é estender a categorização linguística dos nomes, ou dos elementos referenciais caso do bakairi, ou dos dêiticos como na língua tapirapé. A função de um classificador é bastante diferente de como vem sendo entendido em certas áreas do conhecimento (na Antropologia, por exemplo). Não se inventam nomes – hipermulheres, hiperinimigos, etc – a partir de uma concepção etnocêntrica, alheia à cosmogonia do grupo (Cf: Souza, 2020; 2021).

Dentro dessa discussão sobre a relação língua e cosmogonia, temos ao lado de pekodo 'mulher', a palavra pekobaym 'mulheres'. Qual a diferença entre esses dois gêneros de mulheres? É Queridinha Apakano⁹ que nos conta a lenda sobre as pekobaym. Queridinha Apakano é uma das preservadoras da cultura Bakairi, e bastante requisitada para contar as histórias dos antigos e também cantar as muitas canções de cunho cultural dos Kurâ Bakairi. Resumimos aqui parte da história das pekobaym.

⁹Gravação feita por Souza, na Aldeia Paikun em 18/04/2023. Com duração de 25 minutos, foi utilizado gravador SONY, modelo PX-440.

As mulheres Pekobaym

Havia um grupo de mulheres cujo marido delas não lhe davam de comer com a caça que matavam. Eles estavam judiando delas.

Um dia, quando o pai da criança nova foi até onde eles estavam para buscar a caça para as mulheres, os maridos delas só mandaram a fruta de acumã, que tinham apanhado lá onde estavam acampados no mato. Eles foi outra vez, mas os maridos mandaram de novo a fruta de acumã; vendo que só mandavam isso, elas ficaram zangadas.

— Ah! Vamos deixar os nossos maridos! Vamos embora daqui e deixá-los. disseram as mulheres Pekobaym.

A história das mulheres Pekobaym é longa, nos diz Queridinha, “mas é preciso deixar registrado a história como ela é de verdade. Por isso, minha mãe, um dia, me chamou e me contou a verdadeira história das mulheres Pekobayem.” Embora nossa consultora tenha lido a história que ela mesma escreveu, seguindo o conselho da mãe, durante o relato, parava de ler e nos dava alguns esclarecimentos. Explicou, por exemplo, que criança nova é iamundo iwelo ‘recém-nascido’; o pai da criança nova fica em casa de resguardo ao lado da esposa, por isso não sai pra caçar. Ele avisou, porém, aos outros maridos sobre a insatisfação das mulheres.

Essa insatisfação das mulheres resultou na decisão de saírem de casa e viverem sozinhas caçando o próprio alimento. Mas para isso, houve toda uma transformação em sua aparência. E uma mudança de habitat.

Entre elas, havia uma velhinha que fez nelas unhas iguais às de tatu-canastra para cavarem um buraco bem longo. Entraram no buraco e cortaram o seio do lado direito para poderem atirar melhor e caçar com arco e flecha. E assim fizeram, caçando toda espécie de caça. Com todas essas mudanças elas deixam de ser pekodo ‘mulher’ e passam a ser, agora, pekobaym. Um menino pequeno que tinha sido afastado de sua mãe consegue se livrar das pekobaym e vai ao encontro da mãe, dizendo:

Suas irmãs não estão bem. Não são mais gente como eram. Disse, então.

A lenda continua, com um desfecho satisfatório: uma avó consegue, junto com os antigos maridos, fazer com que as pekobaym voltem a ser pekodo. A avó decidiu cortar os cabelos das pekobaym, as enganando dizendo que era para ver melhor os bichos de caça; depois, mandou o menino entregar os cabelos aos maridos, para que colocassem embaixo do armador da rede de cada uma delas. “Eu mesma – disse a velhinha – vou transformar esses cabelos em gente e todos vão viver juntos”. Ordenou aos homens que caçassem e que trouxessem os bichos para a casa e que reencontrariam as mulheres, na forma de pekodo. “E foi assim que aconteceu com as mulheres pekobaym”.

Sem, necessariamente, entrar na análise dessa narrativa mítica, queremos focar as duas palavras para “mulheres”. A começar pelo título em português “As mulheres Pekobaym” em relação ao título em bakairi: “Pekobaym”. Não há uma tradução de Pekobaym para o português, mas se comparamos a morfologia de ambas as palavras pekodo e pekobaym, temos

(1) peko-**do**

(2) peko-**ba-**

onde o formativo **-do** está em distribuição com a negação **-ba**. Colocando em jogo a relação com a qual estamos trabalhando, uma relação entre língua e cosmogonia, percebemos aí a dualidade que separa os seres originados de udodo ‘onça’ dos seres fora desse contexto. A zoomorfização – unhas grandes como as do tatu-canastra; a cavação de um buraco, onde passam a viver como os tatus – colocam as pekobaym no reino dos anguydo, hoje denominação para ‘animais’ e, anteriormente, denominação de todos os seres (seres ancestrais), antes de ocorrer a metamorfose pela incidência da luz do sol. Ao mesmo tempo, a troca de **-do** por **-ba** exclui as pekobaym do mundo das pessoas, dos kurâ e, conseqüentemente, as exclui também do mundo das pekodo ‘mulher’: peko-ba (mulher-não) ‘a não-mulher’. Para entender melhor a formação de pekobaym, além da presença da negação, precisamos descrever como funcionam as marcas de plural e coletivo na língua.

Plural e coletivo: a divisão entre humanos e não-humanos

Os nomes em bakairi não apresentam marcas de gênero masculino, nem feminino, mas apresentam marcas de número e uma forma generalizada, como se fosse coletivo, afixadas aos nomes substantivos. São três as marcas de plural: **-mo**, **-mondo** e **-domondo**.

A primeira (**-mo**) é afixada ao verbo, quando o sujeito está no plural. Observem os exemplos:

(3) Iamundo oroji netai
criança caju achou
‘A criança achou o caju.’

(4) Iamundo oroji netai-**mo**
criança caju achou-**plural**
‘As crianças acharam o caju.’

(5) Iamundo nawientai idu-odaxi.
criança fugir mato-dentro
‘A criança fugiu pro mato.’

(6) Iamundo nawientai-**mo** idu-odaxi
criança fugir **plural** mato-dentro
‘As crianças fugiram pro mato.’

As duas formas (**-mondo e -domondo**) são afixadas aos substantivos, e expressam plural e sentido de coletivo, como nos exemplos:

(7) Mâka pepid**mondo** netaimo.
ele canoa-**plural** achar-**plural**
'Eles acharam as canoas.'

(8) Pekod**mondo** nawientai-**mo** idu-odaxi.
Mulher-**plural** fugir **plural** mato-dentro
'As mulheres fugiram pro mato.'

(9) Kurâ**domondo** nawientai idu-odaxi.
gente-coletivo fugir mato-dentro.
'Todo mundo fugiu pro mato.'

Sobre as marcas (**-mondo e -domondo**) é preciso observar que **-domondo** só pode ser usada com pessoas e **-mondo** vai ser usada com os demais substantivos. Recuperamos, aqui, a presença do formativo **-do** – prefixado em **-domondo**, cujo principal funcionamento está em ser um formativo não produtivo, com uso restrito a pessoas.

Temos, ainda, um outro morfema que forma coletivo mas que também pode ser pluralizado, como nos exemplos:

(10) Iamundo nawientai-**mo** idu-odaxi
criança fugir **plural** mato-dentro
'As crianças fugiram pro mato.'

(11) Iamim**enho**domondo idu-odaxi nawientaimo
criança-**coletivo-plural** mato-dentro fugir-**plural**.
'Todas as crianças fugiram pro mato.' OU 'A criançada fugiu pro mato.'

O formativo **-menho-** fica em distribuição com o formativo **-do** em iamundo 'criança' (ex. 11; iami-**menho-**), a alternância vocálica (u ~ i) se dá por conta de um processo harmonia, não abordado aqui. A distribuição entre **-menho-** e **-do** é mais uma evidência de que **-do** é, de fato, um morfema da classe fechada. Por fim, verificamos que tanto **-mondo** quanto **-domondo** terminam em **-do**. Este outro formativo **-do** não tem relação com o outro formativo homófono que deu lugar aos seres que estão na origem e que seriam descendentes de udodo 'onça'; no caso, ele apenas funciona como uma marca de generalização, ou também de coletivização, podendo, dependendo do contexto fonológico ser realizado como **-dâ**, por conta da harmonia vocálica.

Voltemos às **pekobaym**. Pela orientação que nos deu Queridinha, o plural de mulher é peko-**domondo**¹⁰, sendo o sufixo **-domondo** empregado apenas com seres animados e, talvez apenas, humanos. Quando indagamos se podíamos falar *pekobaymdomondo, Queridinha nos corrigiu: pekobay**mo**. Na dualidade que atravessa o mundo dos Kurâ, as mulheres pekobaym não fazem parte do mesmo universo das mulheres. E a distribuição das marcas morfológicas atestam essa interdição.

¹⁰ A forma seria pekodo(do)mondo, mas para evitar a haplologia, houve queda de uma sílaba [do]. Alguns anciões usam a forma pekododomondo.

Quanto a **-ym**, não conseguimos de forma segura apreender o seu sentido, mas pelo relato do professor Valdeci **-ym** seria uma forma como “os antigos faziam o plural”.

Todo esse aparato linguístico-gramatical nos mostra como os Kurâ entendem a formação do mundo e a sua posição-sujeito na organização social do grupo; as práticas e os deveres são atravessados por valores morais: cabe aos homens o direito de caçar e o dever de alimentar a família; às mulheres é imposta a proibição de caçarem e de usarem os arcos, mas elas têm o dever de fazer a farinha, o beiju e prepararem a caça para o consumo. Na discursividade de lendas e mitos há toda uma trama que os povos originários conhecem e se reconhecem nessa forma de significar o mundo.

Voltemos à nossa reflexão sobre como surgiram os Kurâ. Os kurâ ‘gente’ foram, assim, formados pela incidência da luz. Mas cada ser precisava ser atingido plenamente pela luz de Xíxi – o deus-Sol. Quando isso não acontecia, os seres ficavam metade anguydo, metade kurâ¹¹. E aí, surgem os kurâ-**ma** ‘gente excluída’ atirados ao fundo dos rios. Ao contrário do formativo **-do** que não é produtivo, preso a uma lista fechada de nomes, o morfema **-ma** pode ser afixado a qualquer nome, na derivação de outras palavras: Tania-**ma** udodo tytaze ‘Só Tania tem medo de onça’. Tania-**ma** udodoma tytaze. ‘Só a Tania tem medo só de onça.’

¹¹ Um velho sábio Bakairi – Egufo, chamado de Militão – permite que Souza, em 1985, registre aspectos importantes da criação dos Bakairi, como este abrangendo o papel de Xíxi o Deus-sol.

Kurâ: marca identiária

Além de kurâ significar ‘gente’, achamos necessário falar da forma como se deve, ou não se deve usar kurâ ‘nós’. Kurâ significa ‘nosso’, mas com uso restrito. Kurâ

“corresponde à referência cruzada ‘eu + você’. Esse tipo de formação vocabular é classificada em termos linguísticos como um dual. Como acontece com muitas línguas indígenas, trata-se de um tipo de referência classificada como um ‘nós inclusivo’. O que define essa inclusão é, em Bakairi, uma forma de identificação: quando usamos a expressão kurâ, dizemos eu e você (ou tu), e excluimos os demais, os outros. (Souza, 1994, p. 60)

Entretanto, kurâ só pode ser usado entre duas pessoas com a mesma identidade: somente dois interlocutores Bakairi podem se chamar por Kurâ; e somente dois interlocutores karaivas (não-índios) podem utilizar kurâ¹². Quando queremos nos referir a ‘um eu e você’ com identidades diferentes, obrigatoriamente, usamos os dois pronomes livres: ura âma ‘eu e você’. Trata-se, então, de se atestar um tipo de interdição fundadora do eu-Bakairi, por isso, recobre um nós que exclui qualquer outro não-Bakairi. Ao lado de kurâ, há o pronome xina ‘nós exclusivo’, que abarca todo mundo e qualquer outro” (Souza, 1994).

¹² Essas anotações, além de estarem registradas em Souza (1994), constam de seu caderno de campo e foram gravadas em julho de 1984 com a colaboração de Apakano, considerada uma linguista nata pela pesquisadora aqui citada. Essa observação se faz pertinente, dada a dificuldade de Souza conseguir o paradigma verbal com kurâ ‘nós exclusivo’.

Conclusão

O que procuramos mostrar sobre a formação do léxico em Bakairi vai além do que é proposto nos termos de uma formalização gramatical – mais estrita. É um outro caminho para se analisar a língua através da forma como os Kurâ Bakairi – ou o índio – significa o mundo. Na língua há uma historicidade – definida como materialidade discursiva –, diferente da materialidade como a Linguística define.

Nossas colocações sobre a organização do léxico no bakairi se prendeu a analisar a formação de palavras fechadas, aquelas que, numa perspectiva formal estrita, seriam consideradas não produtivas e palavras abertas, aquelas cujos processos de formação estão sempre em curso. Por outro lado, o que seriam palavras fechadas em bakairi difere do que são em português. As palavras fechadas Bakairi refletem, em termos discursivos, uma perspectiva cosmogônica, instituída no léxico.

A proposta de análise calcada na relação entre língua e cosmogonia se prendeu a dois movimentos: destacar os formativos em jogo num determinado conjunto fechado de palavras e procurar explicar por que estes formativos não se aplicavam na formação de outras palavras. Sob essa diretriz, recorreremos ao conceito de materialidade discursiva proposta pela escola francesa de Análise de Discurso e definida como sendo a forma histórica que constitui o modo como o sujeito significa o mundo e atravessa os modos de dizer. Descreve-se, assim, a própria organização social do grupo quando a língua em sua materialidade constitui todas essas relações.

Quando da análise das palavras abertas, seguimos os princípios propostos pela Morfologia Derivacional sem, no entanto, perder de vista a relação entre língua e cosmogonia, sempre que se fazia necessário. Como no caso de um grupo de personagens míticas – mulheres pekobaym –, termo que não teria o mesmo status de pekodomondo ‘mulheres’ e que, portanto, estava sob certas restrições: palavra que não pode ser modificada pelos mesmos morfemas aplicados a mulheres como a marca de coletivo **-domondo** que modifica pekodo ‘mulher’, porque as pekobaym – dada sua zoomorfização à feição de tatus – não estavam integradas ao mundo dos humanos: **-domondo** coletiviza os humanos. Na lenda das pekobaym, há todo um juízo moral sobre o papel e a função de homens e mulheres. Recusamos a expressão mulheres guerreiras, cunhadas assim na análise de muitas lendas indígenas no âmbito da Antropologia, porque foi necessário que, de novo, se transformassem em pekodo para poderem ser aceitas na sociedade Kurâ. Até hoje as mulheres Bakairi não usam arco e flecha e não saem à caça.

Enfim, a questão da formação do léxico em bakairi não se reduz a uma visão de mundo, constituída apenas pela cultura. Existe, sim, uma visão cosmogônica instituída no léxico que, por sua vez, vai permitir entender a organização social do grupo, as relações de parentesco, bem como os valores éticos, religiosos, os rituais, etc. São redes de diferentes

ordens que tecem a materialidade da língua. E que tecem as línguas de oralidade.

Assim, precisamos repetir aqui que o pensamento linguístico, uma vez que permite tanto ao pesquisador quanto ao nativo a possibilidade de estabelecer esse modo específico de conhecimento, permite também que a Linguística dialogue com (ou mesmo contradiga) teorias a partir de situações concretas e particulares. No caso específico desta pesquisa, um dos analistas – Valdo Kutaiava Xagope – é tanto pesquisador, quanto Kurâ Bakairi. Logo, o olhar é outro. (Xagope, 2018).

Por fim, deixamos claro que, apesar de Xagope ser Kurâ Bakairi, este não se prendeu apenas ao que conhecia da história do seu povo. Ao buscar entender a historicidade do Kurâ Itanro ‘Nossa Língua’, recorreu aos mais velhos que ainda detêm muito dos saberes ancestrais. E gostaríamos, acrescenta Xagope, que nossos saberes e nossa posição discursiva – a de um Kurâ Bakairi – sejam compreendidos e respeitados.

Referências

BONFIM, Evandro Sousa. *Campos Linguísticos-Cosmológicos em Bakairi (Caribe)*. PPGAS-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia Simétrica (NAnSi), 2013.

ILARI, Rodolfo. *Palavras de classe aberta*. São Paulo: Editora Contexto, 2014

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e Interdiscurso. In: ORLANDI, Eni. (org.) *Análise de Discurso*. Michel Pêcheux. Campinas: Pontes Editores, 2011

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. *Discurso e Oralidade – um estudo em língua indígena*, 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1994. 398 p

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Mito e discursividade: um processo metonímico. *Revista Boitatá*, v. 6, p. 23-35, 2008.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Língua e cosmogonia. In: *Política Linguística e retomada/revitalização de línguas indígenas – um tributo a Aritana Yawalapiti*. Laboratório de estudos do discurso, imagem e som, Museu Nacional: Curso de extensão, 2020-2021 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r7M7UMeETMw>

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Língua, materialidade discursiva e cosmogonia. *Linguagem em (Dis)curso*, n. 23, 2022a

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Dizeres transversos: os Bakairi e o viajante. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 14, 2022b

VON DEN STEINEN, Karl. *Die Bakairi Sprache*. Leipzig, 1892

VON DEN STEINEN, Karl. *Durch Central Brasilien*. Leipzig, 1887 tradução brasileira: *O Brasil Central - expedição de 1884 ao Xingu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940

VON DEN STEINEN, Karl. *Entre os aborígenes do Brasil central*. São Paulo: separata da Revista do arquivo nº XXXIV e LVIII, 1942

XAGOPE, Valdo Kutaiava. *Kurâ Xunâry - memória dos Kurâ Bakairi*. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. 72 p

XAGOPE, Valdo Kutaiava. *Organização do Léxico em Bakairi e Signos Motivados*. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Apresentação no SEPLA, 2020.

XAGOPE, Valdo Kutaiava. *Organização do Léxico em Bakairi*. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Apresentação no SEPLA, 2021.

XAGOPE, Valdo Kutaiava. *Categorias Lexicais em Bakairi*. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Apresentação no SEPLA, 2022.

XAGOPE, Valdo Kutaiava. *Organização do léxico em Bakairi, língua e cosmogonia*, 2023. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023. 79 p

Language and Cosmogony in Bakairi: Research Practices Focused on Knowledge of Original Languages

Abstract:

This article takes as its object the Bakairi language, a modality spoken in the Bakairi Indigenous Land, located in the city of Paranatinga, Mato Grosso, Central Brazil. The data were collected mainly in two villages – Aldeia Pakuenra and Aldeia Paikum, both located in the Bakairi IL. The main goal to be achieved aims at the organization of the lexicon in the Bakairi language, described and analyzed from an interdisciplinary perspective, putting into play the relationship between language and cosmogony, when working through the bias of the French school of Discourse Analysis and, in parallel, working on the formal analysis of the data along the lines of Derivational Morphology. As secondary objectives, we seek to focus on two main mechanisms: (i) the discussion of word formation motivated by the group's cosmogony through the presence of closed and non-productive formatives (morphemes), which are restricted to the creation of words in a mythical time and (ii) the analysis of other morphemes in the language, giving rise to open words. Among the set of closed words, which are that found the Kurâ identity and bring us to the social organization of the people as a whole and to moral and social values, we have chosen two to be the focus of our discussion: udodo and pekobaym. The approach presented here contributes to the knowledge and description of the language system both for native speakers and for researchers who focus on the ethnic dimension inscribed in the discursive materiality of the language.

Keywords: *Bakairi language (Caribbean); organization of the lexicon; relationship between language and cosmogony; discourse Analysis; derivational morphology.*